

Severo: Dívida é renegociável

2 SET 1981

O ex-ministro Severo Gomes criticou a Escola Superior de Guerra por não reconhecer que h^a crise social no país, ao participar ontem do simpósio "Alternativas para a Crise Econômica Nacional". Ali, Severo Gomes depois de afirmar que "sem democracia o capitalismo nacional estará morto em pouco tempo", engrossou as fileiras dos economistas brasileiros que defendem a renegociação da dívida externa do país.

Severo Gomes fez um histórico da economia brasileira, lembrando que entre as duas guerras mundiais o Brasil atravessou um período de transição pelo qual a agricultura foi suplantada, em importância econômica, pela industrialização. Essa transição, segundo o ex-ministro, se fez pelo cooperativismo desenvolvido pelo ex-presidente Getúlio Vargas, sobre cujo governo prevaleceu e desencadeou a doutrina da Escola Superior de Guerra, que hoje não reconheceria os conflitos de classes na sociedade brasileira, "como se esses conflitos tivessem sido inventados por Marx".

Lembrou Severo Gomes que o manual da ESG afirma que a Independência e a República foram conduzidas pela elite. "Certamente que foram, e é por isso que até hoje não temos independência nem República Democrática" — afirmou o ex-ministro.

Segundo Severo Gomes, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, em seu governo, endossou a adaptação do capitalismo nacional ao estrangeiro. Já o ex-

presidente Jânio Quadros, segundo ele, implantou uma política econômica interna "ao gosto" do Fundo Monetário Internacional, ou seja, de recessão e de conflitos sociais, a qual se assemelha em inúmeros pontos a atual política do Presidente João Figueiredo.

A Revolução de 1964, pelo seu "caráter autoritário", apresentou a estatização, abriu ainda mais o Brasil ao capital estrangeiro e reduziu a importância política da burguesia, disse Severo Gomes, lembrando que apesar de inúmeros ministros serem contra a estatização, esta é "muito mais fruto do autoritarismo do que da vontade dos ministros".

Reconheceu o ex-ministro que os empresários brasileiros foram, durante muito tempo, beneficiados pelo Governo, como hoje "está-se beneficiando o setor financeiro". Esse privilégio, ao seu ver, é resultado da adaptação da política brasileira aos interesses internacionais. Apesar dos privilégios, Severo Gomes acredita que os grandes empresários não participamativamente da vida política nacional por temerem represálias do Estado, justificando que os pequenos e médios empresários têm maior participação "porque não descobriram as tetas do Governo".

Para Severo Gomes, a participação do capital estrangeiro na economia nacional tem seu lado positivo: trouxe para o Brasil tecnologia que, mesmo inadequada, pode ser adaptada à realidade brasileira; e trouxe tam-

bém a experiência e o conhecimento das empresas multinacionais.

Quanto à renegociação da dívida externa, Severo Gomes acredita que possa ser feita no momento em que se der ao Brasil alternativas para negociar. A província mineral de Carajás seria um dos grandes instrumentos de barganha que o Brasil dispõe atualmente para negociar a dívida. Por isso, ele contestou a participação do capital estrangeiro no projeto, já que são as multinacionais que dominam o mercado de minério. Para o ex-ministro, aceitar a proposta de associar o capital nacional ao estrangeiro nesse projeto "é não enxergar como funciona o mercado internacional".

POLÍTICA SALARIAL

O reajuste automático dos salários cada vez que o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) subir a 10 por cento e a instituição do auxílio-desemprego através da redistribuição do Pis-Pasep mais o FGTS, foram algumas das propostas para alterar a política salarial brasileira apresentadas pelo professor Paul Singer, ontem, no simpósio "Alternativas para a Crise Econômica Nacional", promovido pelas Comissões de Economia da Câmara e do Senado.

Paul Singer defendeu ainda a extensão da política salarial a todas as categorias e a estabilidade no emprego, com representação dos empregados nas empresas.